

EXPRESSÕES EM DESUSO?

Celina Maria Bezerra

Transmitir conteúdos, ministrar conteúdos, dar conteúdos, absorver, fixar conteúdos são velhas expressões originadas na pedagogia doutrinária implantada pelos jesuítas no Brasil colonial. Executava a fórmula: transmitir/assimilar/reproduzir. Ainda na década de 50, Paulo Freire fez a crítica dessa concepção, chamando-a de “educação bancária” na qual se considerava a cabeça dos alunos como um depósito, o qual se enchia de fora para dentro por imposição, exigindo-se deles, respostas que já estavam pré-estabelecidas. Em contrapartida, mostrou-nos o autor, uma educação problematizadora e dialógica, na qual alunos e professores aprendem uns com os outros em permanente interação.

Nessa mesma direção, outros autores, como Teresinha Rios nega-se a dizer que “dá aulas”. Comenta: “Uma das coisas que realizo com maior alegria é ensinar, fazer aulas”. (RIOS, Teresinha Azerêdo. *Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade*, 7ed. São Paulo: Cortez, 2008) Justifica, analisando o ensino como instância de comunicação, espaço/tempo privilegiados do diálogo didático, não sendo algo que se dá, porque para dar, seria necessário que aqueles a quem se dá, de fato, recebessem, o que nem sempre acontece.

Da mesma maneira, em referência às pedagogias mais críticas, há uma impropriedade na afirmação “dar conteúdos”. Supõe dar conceitos, sem a mediação adequada para que os próprios alunos os construam. Ora, a formulação pelo aluno é o que garante as aprendizagens. Professores que dão conteúdos, falam, falam e saem da aula supondo ter feito a sua parte. Seguem adiante e os alunos ficam no mesmo lugar, porque não elaboram, não reelaboram, não erram, não acertam, para tornar seus os conhecimentos.

Expressões em desuso? Nem tanto! Estas afirmações que, de certo modo, situam-se na contramão de um ensino movido pelas orientações construtivistas, permanecem na fala e escrita de muitos professores. Até daqueles que, na verdade, desenvolvem uma prática socializadora dos saberes científicos que se constroem num processo formativo, que tem sim, o aluno como sujeito do processo. Até daqueles que sabem ensinar a pensar, que não antecipam conceitos prontos, mas estimulam a atitude investigadora dos alunos e consideram o pensamento dos mesmos em diversas hipóteses, diferentes formulações. É como se estes professores fizessem o certo e falassem o errado.

Em respeito às concepções pedagógicas que, atualmente, situam o aluno como sujeito importante da construção de saberes próprios e autônomos, tais expressões precisam, de fato, entrar em desuso. No fazer e no falar pedagógicos.